



Linguagem e gênero: estereótipos, formas e variação linguística

Raquel Meister Ko. Freitag^{1*} e Gabriela Mariel Zunino^{2*}

¹Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. ²Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. *Autoras para correspondência. E-mails: rkofreitag@academico.ufs.br; gmzunino@conicet.gov.ar

RESUMO. O dossiê temático “A emergência de gênero não-binário na América Latina” reúne 10 artigos sobre o surgimento de formas de gênero não binário em português, espanhol e italiano, além de 5 resenhas de livros recentes sobre o tema. Estudos empíricos sobre o fenômeno do gênero não binário ainda são escassos e dispersos, tanto em termos de motivação quanto de método. Esta lacuna dificulta a construção de um panorama sistemático e rigoroso, necessário para fundamentar debates públicos e políticas sobre o tema. Na ausência de pesquisas especializadas, as discussões públicas tendem a ser dominadas por ideologias baseadas em crenças de purismo linguístico e hegemonia de gênero. Os artigos e resenhas publicados neste dossiê evidenciam a necessidade de uma abordagem complexa e transdisciplinar para tratar adequadamente desta temática. O dossiê reúne resultados de pesquisas e análises que ajudam a compreender melhor este fenômeno linguístico e social emergente.

Palavras-chave: Mudança Linguística. Linguagem Inclusiva de Gênero. Linguagem Não-Binária.

Lenguaje y género: estereotipos, formas lingüísticas y variación

RESUMÉN. El dossier temático «La emergencia del género no binario en América Latina» reúne 10 artículos sobre la emergencia de formas de género no binarias en portugués, español e italiano, así como 5 reseñas de libros recientes sobre el tema. Los estudios empíricos sobre el fenómeno del género no binario son todavía escasos y dispersos, tanto en términos de motivación como de método. Esta laguna dificulta la construcción de un panorama sistemático y riguroso, necesario para apoyar los debates públicos y las políticas sobre el tema. A falta de investigaciones especializadas, los debates públicos tienden a estar dominados por ideologías basadas en creencias de purismo lingüístico y hegemonía de género. Los artículos y reseñas publicados en este dossier ponen de relieve la necesidad de un enfoque complejo y transdisciplinar para abordar adecuadamente esta cuestión. El dossier reúne resultados de investigaciones y análisis que ayudan a comprender mejor este fenómeno lingüístico y social emergente.

Palabras-clave: Cambio lingüístico. Lenguaje inclusivo de género. Lenguaje no binario.

Quando as pessoas pensam em mudança nas línguas, sempre se imagina uma situação temporal passada, um outro tempo na língua em que as formas eram diferentes. A distância temporal possibilita que se aceitem como ‘naturais’ e ‘espontâneas’ mudanças que ocorreram em outros momentos da língua, com as quais só temos contato depois de institucionalizadas e consensuadas em instrumentos normativos, seja como um traço de prestígio ou de estigma. Mas o que para nós, que vivemos temporal e socialmente distantes da realidade em que as mudanças emergiram, parece ser natural e espontâneo, certamente não o foi para quem vivenciou aquela realidade que desencadeou a mudança. Um exemplo bastante ilustrativo deste processo são os pronomes T/V e as relações de poder e solidariedade subjacentes a cada uma destas formas, em línguas como português e espanhol. Se hoje a seleção entre uma forma T/V se associa à formalidade da situação, em outros momentos da história da língua essa seleção envolvia aspectos de classe social, distância e hierarquia, sendo os pronomes marcadores semânticos das relações sociais entre pessoas (Brown & Gilman, 1960). O apagamento gradual das forças sociais codificadas pelos elementos da gramática é resultado de mudanças na sociedade que não ocorrem sem conflitos e hierarquias de poder. A percepção de naturalidade é um efeito deste apagamento gradual.

Na sociedade contemporânea, temos a oportunidade de acompanhar em tempo real processos de variação e mudança na língua, como é o caso do tema que é objeto deste dossiê temático, ‘A emergência de gênero não-binário na América Latina’, composto por 10 artigos que discutem o surgimento de formas de gênero não

binárias em português, espanhol e italiano, e seus efeitos de uso, percepções e ideologias subjacentes, e 5 resenhas de livros publicados recentemente que tratam do tema.¹

‘O gênero’ nas línguas naturais tem sido abordado a partir de uma variedade de perspectivas; não apenas estritamente gramatical, mas também lexicográfica, pragmática, discursiva, sociolinguística e psicolinguística. Sabemos que diferentes línguas marcam o gênero gramatical de diferentes maneiras e diferentes taxonomias já foram propostas (Dixon, 1987, Corbett, 1991, Hellinger & Bußmann, 2001, Leaper, 2014; Gygax et al., 2019). Gygax et al. (2019), por exemplo, distinguem entre cinco tipos de línguas: com gênero gramatical, com uma combinação de gênero gramatical e natural, com gênero natural, sem gênero com alguns traços de gênero gramatical e sem gênero. No primeiro grupo estão línguas como o espanhol, o português, o alemão e o italiano. Nesses casos, o gênero é definido como ‘inerente’ e controla a concordância, e tanto os substantivos que se referem a entidades animadas quanto inanimadas têm gênero atribuído.

O paradigma de gênero nas línguas românicas, como o espanhol, o português e o italiano, geralmente assume uma distinção binária (masculino/feminino), mas apresenta certa complexidade, o que tem dado espaço a várias tentativas de sistematização (Ambadiang, 1999, Roca, 2006, Mendevil Giró, 2020). As diferentes propostas para descrever a flexão de gênero nas línguas românicas tendem a diferir quanto ao grau de arbitrariedade ou motivação de gênero nos substantivos, e há um foco especial nos substantivos referentes a pessoas. A maioria dessas propostas tenta organizar essa sistematização com base no entendimento de que o gênero pode ser definido tanto por características semânticas quanto por características formais. No entanto, um grande número de trabalhos aponta especialmente que o gênero, nas línguas em geral e no espanhol e português em particular, também está vinculado, apoiado e condicionado por fatores extralinguísticos (Ambadiang, 1999, Pereiro & Barcia, 2013, Freitag, 2015, Linares, 2019, López, 2020).

O funcionamento do masculino genérico e as possíveis assimetrias nos preconceitos projetados pelos marcadores gramaticais de gênero têm sido um dos principais focos dos estudos linguísticos, tanto teóricos quanto empíricos. Os resultados têm sido sistemáticos em vários idiomas: o masculino em sua função genérica condiciona a representação a estereótipos associados a homens cis, enquanto invisibiliza representações associadas a mulheres e dissidentes (Sczesny, Formanowicz, & Moser, 2016, Pinheiro & Freitag, 2020, Stetie & Zunino, 2022, Zunino & Stetie, 2022).

Uma maneira de romper com o binário é assumir que entre masculino e feminino há uma gradação, ou uma abordagem escalar para o gênero. Mesmo na lógica binária, o que percebemos como masculino ou feminino é na verdade um recorte arbitrário em um conjunto contínuo de traços de comportamento. A abordagem escalar para o gênero não é uma novidade, a escala de Kinsey, proposta no final dos anos 1940 (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 2003), tenta descrever o comportamento sexual de uma pessoa ao longo do tempo iniciando em 0, com o significado de um comportamento exclusivamente heterossexual, e terminando em 6, para comportamento exclusivamente homossexual.

O potencial discriminante de gênero a partir de pistas da voz (Brescancini et al., 2017), bem como a indexação de gênero e sexualidade (Gonçalves & Gomes, 2021) podem contribuir para uma abordagem escalar. Marcus Garcia de Sene, neste dossiê, com o artigo ‘Eu soo gay ou masculino?’ – tarefa de julgamento sociolinguístico de gênero e sexualidade: uma investigação sociofonética do *pitch* médio’, apresenta uma tarefa experimental cujos resultados mostram que a manipulação de um traço contínuo da voz como o *pitch* da voz influencia na percepção de quão masculino ou gay soa um determinado homem, em escalas de masculinidade e *gayness*. Esta proposta amplia as perspectivas para o controle da variável gênero na sociolinguística, que tradicionalmente assume gênero como uma categoria binária e fixa ou, ainda, como sinônimo de sexo biológico (Freitag, 2015).

Na lógica binária, a noção de masculino genérico pode ser contestada, como advoga Kayron Bevilaqua, neste dossiê, no artigo ‘A marcação de gênero no português brasileiro como uma implicatura escalar’, de que o par de morfemas -o/-a dispara uma implicatura escalar. Baseado nos resultados de como os falantes do português brasileiro interpretam os morfemas -o e -a em sintagmas nominais definidos designando referentes femininos, que oscilam para o morfema -o: ora é interpretado como masculino, ora é interpretado como genérico, enquanto o morfema -a designa exclusivamente referentes femininos. Como acontece em outros

¹Este dossiê é decorrente do desenvolvimento do P32 ‘Emergência de gênero não-binário na América: efeitos linguísticos, sociais e cognitivos’ <<https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/proyectos/Pro32.htm>> desenvolvido no âmbito da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Alfal) e conta com o financiamento das Chamadas Universal 10/2023/CNPq e Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação 14/2023/CNPq, no Brasil, projeto Pibaa Conicet 2023-2024. 28720210100189CO. ‘¿Binario o no binario? Sesgos de género en español: efectos de la morfología de género sobre el procesamiento de lenguaje y su relación con la construcción de representaciones sexo-genéricas’ e UBACYT MOD II 20022020400084BA, ‘Lengua y género en ámbitos educativos: percepciones, usos y actitudes entre estudiantes de nivel secundario y universitario’, na Argentina, e pela União Europeia, ‘MultiLingualGender: Multilingual perspective in Gender and Language. Realization and processing of gender in different Romance languages: an interdisciplinary approach for the field of education and public communication’, ID: 101182959, HORIZON-MSCA-2023-SE-01.

domínios da gramática, como o do aspecto (Gomes, Gomes, & Medeiros, 2021), no domínio do gênero, por implicatura, o morfema -o acaba sendo interpretado como exclusivamente masculino e não como genérico, embora morfológica e semanticamente não carregue marca de gênero.

As propostas para propiciar novas manifestações de expressão de gênero nas línguas tem recebido diferentes denominações, como linguagem inclusiva de gênero ou linguagem não sexista (geralmente chamada de *gender-fair language* em inglês), refletindo suas origens múltiplas e cultural e historicamente variáveis (Sczesny et al., 2016; Gil & Morales, 2020). Atualmente, o foco da discussão está nas noções de ‘gênero’ (em vez de ‘sexo’) e ‘binarismo’. Uma questão fundamental é até que ponto a distinção binária funciona como uma categorização imposta pela relação linear entre sexo biológico e identidade de gênero que contradiz os desenvolvimentos e discussões atuais sobre diversidades e dissidências de sexo e gênero (Cameron, 1998, Koeser & Sczesny, 2014, Gil & Morales, 2020). Podemos argumentar que o surgimento de marcadores de gênero não binários para se referir a pessoas é um efeito dos movimentos por igualdade e identidade, uma reação ao heterossexismo e à hegemonia da forma masculina nas línguas. Entretanto, essa não é a única estratégia em debate. As diferentes estratégias propostas e analisadas em cada língua podem ser classificadas em três grupos: feminização ou duplicação, neutralização e inovação. As propostas de feminização ou duplicação se baseiam no uso de formas masculinas e femininas simultaneamente: ‘él/ella’, ‘ele/ela’, ‘he’/‘she’, os/as cozinheiros.

O segundo grupo defende o uso de epicenos, substantivos coletivos ou construções sintagmáticas que evitam a marcação gramatical de gênero, razão pela qual alguns os chamam de ‘formas neutras’ quanto ao gênero: ‘pessoa’, ‘humanidade’, ‘comunidade’. Por fim, dentro das propostas de inovações, há, por sua vez, diferentes linhas, dependendo se elas se concentram em inovações lexicais, morfológicas ou meramente (orto)gráficas. Entre as inovações lexicais, as mais comuns são novos pronomes, como ‘hen’ não binário em sueco (Vergoossen et al., 2020, Renström et al., 2022), refuncionalizações, como ‘they’ singular em inglês (Bradley et al., 2019, Camilliere et al., 2021). Entre as inovações propriamente morfológicas, podemos identificar a variante não binária [-e] no espanhol (Menegotto, 2020, Zunino & Stetie, 2022, Stetie & Zunino, 2022, Fábregas, 2022b, Palma et al., 2023) e em português (Santos, 2019, Schwindt, 2020, Guimarães, 2020, Miranda, 2020, Pinheiro & Pinheiro, 2021, Moura, 2021, Freitag, 2022, 2024), que funciona tanto na língua falada quanto na escrita, e até mesmo o gênero asterisco (*), em alemão, que tem uma forma de pronúncia associada para uso na língua falada (Friedrich et al., 2021, Körner et al., 2022). A variante [-x] em espanhol e português ou o ponto intermediário em francês (chef-fe), em princípio, parecem funcionar como marcas ortográficas sem uma projeção clara para a oralidade ou como formas abreviadas de duplicação (Tibblin et al., 2022, Xiao et al., 2022).

Com diferentes perspectivas subjacentes à emergência de marcas não binárias, e a incipiência de descrição e percepção pública, a própria forma de denominação do fenômeno passa por flutuações. Ou melhor, como Como Danniell Carvalho, em ‘Atitudes e percepções sobre linguagem inclusiva e pronomes não-binários: um estudo diagnóstico com falantes brasileiros’, neste dossiê, denomina – um ‘vespeiro’. Enquanto na Argentina a denominação ‘lenguaje inclusivo de género (LIG)’ já parece ser consensual e reconhecida inclusive por sua sigla, como mostram os artigos de Noelia Ayelén Stetie, Laila María Desmery, Lucía Martín, ‘Lenguaje inclusivo de género en la población universitaria argentina’, e de Gabriel Dvoskin, Sofía Ansaldo, ‘Resistencia al lenguaje inclusivo de género entre les estudiantes universitarias argentines: de lo simbólico a lo material’, – não só com a denominação, mas com o uso efetivo na escrita, como nos artigos referidos anteriormente – no Brasil (e também no italiano), a flutuação de denominações é ampla e variada.

No Brasil, o rótulo maior repercussão é o de ‘linguagem neutra’. E, subjacente a este rótulo, estão diferentes conceptualizações e que circulam em diferentes grupos: linguagem neutra é o rótulo reivindicado a partir do uso que emerge nas comunidades ativistas pela não marcação de gênero na língua; também é o rótulo para a emergência de um gênero neutro similar a um gênero genérico. Apesar da emergência entre a comunidade ativista, o impulsionamento do rótulo linguagem neutra na sociedade é notadamente relacionado aos projetos de lei (para proibi-la ou barrá-la), e pela abordagem da mídia. Uma perspectiva sociolinguística para esse rótulo é apresentada em ‘Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro’ (Freitag, 2024), que é objeto de três resenhas neste dossiê, mais detalhadas à frente.

No Brasil, o debate acadêmico ainda não estabeleceu consenso para o rótulo do fenômeno, e a discussão é alimentada pela diversidade. Por exemplo, neste dossiê, os pronomes emergentes são nomeados como ‘pronomes não-binários’, ‘neopronomes’ e ‘neoformas’. Já em ‘A marcação de gênero no português brasileiro como uma

implicatura escalar, Kayron Bevilaqua denomina o fenômeno de ‘linguagem considerada inclusiva’, caracterizada como uma ‘intervenção linguística para criação de uma marcação de gênero inclusiva, como um morfema –e’.

Ao discutir o papel da tradução na emergência do fenômeno no italiano, Giorgia Esposito, em ‘El clamor de una revuelta en las lenguas: activismos traductológicos y la emergencia del género no binario en lengua italiana’, define o fenômeno como ‘formas lingüísticas de género no binario, sean estas léxicas o neomorfemáticas’, ou ‘neomorfemas de género no binario, como -e en portugués y español (todes) y -ə (tuttə) en italiano’, e, ainda, ‘lenguaje inclusivo de género en italiano’ e ‘variantes inclusivas’.

Em ‘Ordens indexicais mobilizadas em projetos de lei estaduais e distrital sobre linguagem não-binária no Brasil’ Hélvio Frank, Marcus Vinícius Silva Coelho advertem: ‘Evitamos o uso do adjetivo ‘neutra’, porque compreendemos que, em se tratando de linguagem em sociedade, não há neutralidade, já que a língua é uma condição de uso concreto do falante suficientemente ideológico (Bakhtin, 2006)’. Utilizam ‘linguagem não-binária’ e ‘referências pronominais de gênero neutras em língua portuguesa, a chamada linguagem não-binária (doravante LNB)’.

Já em ‘Sobre (não) generificação e binarização de gênero no Brasil: documentos históricos e modos de vida ancestrais’, Alline de Souza Pedrotti, Cristine Gorski Severo definem o fenômeno como ‘linguagem não sexista e não binarizada’ e se propõem a fazer ‘uso da linguagem não binária’:

Neste artigo, utilizaremos de forma alternada as marcações não binarizadas em gênero (-e e -x) como recurso linguístico para manifestar a não binariedade de gênero neste contexto religioso e linguístico específico. Com isso, nos alinhamos com as políticas de identidade, especialmente no que tange aos direitos reivindicados pelos movimentos LGBTQIAPN+ e ao nos referenciarmos à população yorubana e de terreiro, que reivindicam o uso da linguagem como elemento de inclusão e reconhecimento (Pedrotti & Severo, 2024, p. 7).

Independentemente da denominação, enquanto em algumas línguas, como o inglês e o sueco, as formas não binárias de referência já estão consolidadas e estão se tornando parte do sistema, em outras, como o espanhol e o português, o processo ainda é incipiente, em um período de menor estabilidade do sistema. E mesmo nas línguas de menor estabilidade, há domínios mais consensuados em uma língua do que em outras. É o que acontece com os pronomes pessoais emergentes, ou neopronomes, que no espanhol já estão relativamente estabelecidos, enquanto no português brasileiro ainda estão em processo de emergência.

Existem várias propostas de sistemas de neopronomes para o português brasileiro, mormente apresentadas em manuais e prescrições. Ainda são restritos os usos efetivos de modo regular, recorrente e frequente, o que impede análises quantitativas para identificar padrões e ratificar prescrições. Dois artigos neste dossiê contribuem para a formação de consensos nesta direção. Em ‘A utilização de pronomes não binários no português brasileiro: um estudo exploratório com dados da rede social X’, neste dossiê, Elaine Rodrigues de Souza Silva e Danniell da Silva Carvalho encontram um nicho para coletar dados autênticos de uso onde neopronomes emergem: a rede social X, antigo Twitter, um espaço para micromudanças na língua já amplamente reconhecido (Maybaum, 2013; Bohmann, 2016; Grieve, Montgomery, Nini, Murakami, & Guo, 2019; Bezerra Júnior, Conceição, Gois, & Sousa, 2023). O corpus de análise consiste na varredura em busca de marcas dos sistemas ‘elu’, ‘ile’, ‘ilu’ e ‘el’, bem como da realização de concordância com estes pronomes, para identificar frequência de cada sistema e a sua associação com o contexto semântico e o padrão de concordância nominal desencadeado pelos neopronomes. Os resultados obtidos apontam para o predomínio de neopronomes do sistema ‘elu’, sem haver o predomínio da forma emergente -e nas relações de concordância nominal estabelecidas por estes neopronomes. Tais resultados, somados a outros estudos que também se dedicam a identificar padrões de usos neopronomes em abordagens quantitativas, como o de Baldez (2024) sugerem que, dentre os diversos sistemas que são propostos, há um com maior chance de implementação indiciada pela frequência, ‘elu’.

A limitação encontrada por este estudo na busca por um corpus robusto para uma descrição de frequências de uso balanceadas quanto às variáveis controladas demanda o desenvolvimento de estratégias de observação dos efeitos da mudança linguística por via direta, como fizeram, por exemplo, Nascimento e Silva (2024), ao observarem reações subjetivas de falantes acerca do uso de formas lexicais específicas, como ‘coisinho’ e ‘todes’. A abordagem direta permite identificar tendências de grupos, como a relação com a idade e a orientação de gênero autoidentificada. Neste dossiê, em ‘Atitudes e percepções sobre linguagem inclusiva e pronomes não-binários: um estudo diagnóstico com falantes brasileiros’, Danniell Carvalho parte de estudos sobre mudança linguística no quadro de pronomes do português brasileiro, que já estabelecem metodologias relativamente consensuadas para mensurar atitudes e reações subjetivas, e expande a análise para os neopronomes.

A variação entre formas pronominais inovadoras no português brasileiro tem sido objeto de diferentes estudos descritivos quanto aos padrões de frequência de uso. No entanto, nem sempre os padrões de uso refletem as crenças e a avaliação subjetiva de falantes, como mostra Freitag (2016). Isso pode ser relacionado ao fato de que a variação no nível morfossintático não está no nível de consciência de falantes (Siqueira, 2023). Estudos cujo desenho visa acessar o nível de consciência da variação, em especial controlando os efeitos de gênero, valem-se de estratégias metodológicas diversas, como a análise de similitude nos comentários metalinguísticos em entrevistas sociolinguísticas (Mendonça & Araujo, 2019) ou tarefas de julgamento e de reação subjetiva para identificar correlação entre traços do sistema linguístico e perfil social (Freitag & Mendonça, 2020; Pereira & Silva, 2023; Faria & Tesch, 2023).

A pesquisa sobre percepção e reação subjetiva a neopronomes controlou o perfil social de participantes (expressão de gênero e racial, nível de escolaridade, crenças religiosas e políticas), suas percepções quanto ao uso dos pronomes canônicos de terceira pessoa, suas percepções sobre mudança linguística e gênero gramatical e sua consciência sobre feminismos e políticas inclusivas de gênero e sexualidade; e sua opinião diante do uso de pronomes não-binários.

Uma das constatações do estudo foi a identificação do viés amostral, com participantes de perfil urbano, de classe alta e com alto nível de educação formal, semelhante aos participantes do projeto Nurc, projeto de documentação linguística que subsidia gramáticas contemporâneas do português brasileiro, o que, segundo Danniell Carvalho, pode evidenciar o reforço de visões conservadoras sobre a língua. Os resultados apontam discrepância entre as crenças declaradas pelos participantes e suas atitudes, que refletem uma visão normativa da língua e da mudança linguística, de maneira similar ao que foi já observado por Freitag (2016) em relação à forma 'a gente'. Estes resultados sugerem que a percepção e uso de neopronomes de gênero entre falantes da norma culta do português brasileiro segue as mesmas direções de outros processos de mudança, logo, é um processo natural na língua.

O viés amostral apontado em 'Atitudes e percepções sobre linguagem inclusiva e pronomes não-binários: um estudo diagnóstico com falantes brasileiros' sinaliza para um nicho de emergência das marcas não binárias: o espaço universitário. Três artigos deste dossiê, dois tratando da realidade da Argentina e um da do Brasil, exploram o modo como a universidade catalisa o processo de mudança. Mas mesmo em diferentes comunidades da mesma língua, o processo de emergência de marcas não binárias para a expressão de gênero tem sido percebido de forma diferente, seja com usos e adesões, seja com prescrições e proibições, que podem ser associadas a alinhamentos ideológicos ligados a movimentos progressistas ou conservadores.

Em 'Lenguaje inclusivo de género en la población universitaria argentina', Noelia Ayelén Stetie, Laila María Desmery, Lucía Martín apresentam resultados de uma pesquisa realizada em 2021 sobre o uso da linguagem inclusiva de gênero (LIG), especificamente formas não binárias, apontando o viés de gênero: a identidade de gênero foi identificada como a variável social mais influente no uso de LIG, e pessoas jovens, mulheres e membros da comunidade LGBTIQ+ relataram maior uso de LIG, alinhando-se com estudos anteriores, e em outras realidades [ver, por exemplo, os resultados de Pereira e Silva (2023) e Nascimento e Silva (2024), no Brasil]. O estudo ressalta a importância de considerar o contexto político e social atual, incluindo o ressurgimento de posturas ideológicas conservadoras e políticas linguísticas restritivas do novo governo na Argentina.

Por outra abordagem, centrada em ideologias linguísticas, Gabriel Dvoskin e Sofía Ansaldo, em 'Resistencia al lenguaje inclusivo de género entre les estudiantes universitarias argentinas: de lo simbólico a lo material', analisam as relações entre linguagem, gênero e educação, focando nos posicionamentos da população universitária da Argentina que não usa LIG. Em geral, este segmento da população compactua e advoga por uma concepção do língua como instrumento de comunicação, visto como homogêneo e democrático. A LIG é criticada por supostamente perturbar a homogeneidade da língua e dificultar a comunicação. Gabriel Dvoskin e Sofía Ansaldo apontam uma contradição identificadas nos argumentos contra a LIG: é rejeitada tanto por não produzir mudanças na vida das pessoas quanto por supostamente causar efeitos negativos. E as ideologias linguísticas sobre a LIG refletem representações sobre as pessoas que a adotam, associadas por quem não a usa a movimentos feministas ou LGBTIQ+.

Na realidade universitária brasileira, em 'Não-binariedade: uma análise neomaterialista', Atílio Butturi Junior e Nathalia Muller Camozzato analisam a linguagem não-binária sob a perspectiva de pessoas autoidentificadas como não-binárias, em duas situações: com base em dados de um questionário enviado a estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina que se identificam como pessoas não-binárias e de falas de uma mesa-redonda online sobre linguagem inclusiva. Assumindo uma perspectiva que

considera a não-binariedade como uma intra-ação material-discursiva, a análise aponta para duas tendências principais: entre estudantes, há uma demanda por visibilidade através da linguagem e, no evento online, questiona-se o papel da linguagem, do discurso e dos saberes acadêmicos na produção da binariedade.

Embora os usos de LIG/LNB sejam muito variados nas diferentes comunidades, há alguns fatores que parecem permanecer constantes em diferentes comunidades linguísticas: mulheres e jovens compõem os grupos que mais problematizam o uso do masculino genérico e que mais usam diferentes estratégias linguísticas de inclusão de gênero (Linares, 2019; Pesce & Etchezahar, 2019; Bonnin & Coronel, 2021; Zunino & Stetie, 2022; Pereira & Silva, 2023; Nascimento & Silva, 2024), resultado que se reflete nos estudos apresentados neste dossiê.

A emergência do fenômeno na esfera universitária – mudança de cima para baixo, como alguns argumentam – tem feito com que, em diferentes países da América Latina, a questão foi elevada ao debate público, como uma agenda política e da mídia. Na agenda política, tanto no Brasil como na Argentina, LIG, LNB ou linguagem neutra foram objetos de matéria legislativa, com uma enxurrada de projetos de lei submetidos nas casas legislativas de todos os níveis, sempre com o propósito de proibir e barrar o uso, e punir quem o fizer. Diversos estudos têm se dedicado a explorar as motivações subjacentes aos projetos de lei (Barbosa Filho, 2022; Brevilheri, Lanza, & Sartorelli, 2022; Souza Junior, 2022; Vellasco, 2024; Freitag, 2024; etc.). O artigo de Hélio Frank e Marcus Vinícius Silva Coelho, ‘Ordens indexicais mobilizadas em projetos de lei estaduais e distrital sobre linguagem não-binária no Brasil’, avança na discussão ao assumir que os discursos têm um papel central nas práticas sociais, influenciando ações no mundo para investigar e problematizar as ordens indexicais mobilizadas em Projetos de Lei estaduais e distritais no Brasil sobre linguagem não-binária.

O exame de 53 propostas parlamentares entre 2019 e 2023 apontou que os textos de lei mobilizam ordens indexicais que proíbem a linguagem não-binária, e que essas proibições são baseadas em um conservadorismo linguístico. Também fica evidenciada a postura normativa, com uma proposta de exclusividade no ensino gramatical escolar da norma culta da língua portuguesa. Ainda, alguns Projetos de Lei se fundamentam em justificativas de gênero, refletindo discursos associados a uma sociedade historicamente marcada por princípios moderno-coloniais e por valores cristãos. A análise das ordens indexicais mobilizadas pelas propostas legislativas que visam restringir o uso da linguagem não-binária aponta sua contextualização dentro de um quadro mais amplo de conservadorismo linguístico e valores socioculturais tradicionais no Brasil, do mesmo modo que apontam os estudos no ambiente universitário dos artigos anteriores.

O espaço midiático também impulsiona não o uso de LIG/LNB, mas o seu consumo, como se fosse um produto, e na mesma lógica modela o comportamento de consumidores. Nas línguas que têm sistema binário para a representação de gênero, a esfera da tradução se torna palco da disputa das formas para a expressão das marcas não-binárias. O campo da tradução tem sido particularmente vanguardista na problematização sobre como as marcas emergentes se acomodam em sistemas linguísticos. Eberspächer (2024) apresenta o tradução do gênero gramatical na prática, fornecendo exemplos de estratégias de tradução de gênero não marcado presente em original em alemão que podem ajudar a lidar com gêneros não marcados no português. Neste dossiê, em ‘El clamor de una revuelta en las lenguas: activismos traductológicos y la emergencia del género no binario en lengua italiana’, Giorgia Esposito relaciona o surgimento de formas linguísticas de gênero não-binárias no italiano à tradução e à recontextualização de práticas discursivas provenientes principalmente dos feminismos contemporâneos. Do mesmo modo que no português e no espanhol, a o italiano passa por um processo de emergência de formas de linguagem inclusiva de gênero, e são as intervenções discursivas públicas que promoveram a visibilidade do gênero não-binário para o público geral. Neste cenário, Giorgia destaca o papel crucial da tradução editorial, especialmente os paratextos que acompanham essas traduções, que são usados para contextualizar o desafio da tradução (como traduzir ‘todes’ do original?) e justificar as decisões tomadas na tradução, mas também servem como espaço estratégico para o ativismo tradutológico e para gerar consciência sobre a diversidade de sexo e gênero.

No entanto, os estudos empíricos sobre o fenômeno ainda são escassos em termos de descrição e análise linguística. Além de serem escassos, os estudos são dispersos, tanto quanto à motivação quanto ao método. Isso dificulta a construção de uma visão geral rigorosa e sistemática, tão necessária para o debate público e político. Na ausência de estudos e pesquisas especializados, as discussões públicas tendem a ser alimentadas por ideologias baseadas em crenças de purismo linguístico e hegemonia de gênero.

E, mesmo entre o público especializado, a discussão se faz necessária para a consolidação do campo de pesquisa. Daí a importância da circulação de resenhas sobre obras tratando do tema. Neste dossiê, acolhemos

cinco resenhas de três publicações recentes sobre o tema. Uma delas, 'Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro' (Freitag, 2024), é objeto de três resenhas neste dossiê, somando-se à Albuquerque (2024). Com a questão 'As relações entre a língua portuguesa e as questões de gênero: há uma linguagem neutra?', Eraldo Batista destaca em sua resenha a abordagem do livro que evidencia a distância entre o conhecimento acadêmico sobre variação linguística e sua efetiva implementação no ensino e aceitação social, reforçando a posição de que a solução não está apenas na produção de conhecimento científico, mas na atuação consciente e engajada dos profissionais da área em diálogo com diferentes setores da sociedade. Já em 'Ni siquiera el silencio del hablante es neutral: lenguaje y género en la disputa política del binarismo', João Paulo Santos Batista, Jocenilson Ribeiro dos Santos, Gracineia dos Santos Araújo destacam que tanto a defesa quanto a negação da LIG/LNB são posicionamentos políticos, e que o livro contribui para reflexões importantes nesse campo, partindo da linguística para alcançar discussões sociais mais amplas. E em 'Não existe linguagem neutra? A variabilidade na expressão de gênero no português como um fenômeno linguístico contemporâneo bastante representativo da relação entre língua e sociedade', Franciane Rocha reitera a necessidade dos linguistas assumirem um papel mais ativo nos debates públicos sobre língua, evitando que não especialistas dominem essas discussões, e destaca como o livro em questão contribui para esse objetivo.

Em 'Sobre a pretensa universalidade de gênero gramatical: Resenha do livro A domesticação da gramática de gênero', de Dannel Carvalho (2021), Fernanda Cerqueira destaca como o livro mostra que abordagens dominantes na linguística têm contribuído para o apagamento e a marginalização de outras realidades linguísticas, com foco na reflexão sobre gênero gramatical fora dos eixos tradicionais da ciência da linguagem.

E, em 'Identidades de gênero, lenguajes no binarios y clases de lenguas neorrománicas: relaciones necesarias', Mariana Linhares Pereira Resende resenha a coletânea '*Inclusiveness beyond the (non)binary in Romance Languages*' (Silva & Soares, 2024), organizada por Cristiane Silva e Gláucia Soares. A coletânea aborda questões de linguagem não binária e inclusão linguística, destacando sua importância tanto para a pesquisa quanto para a prática pedagógica. Mariana Linhares Pereira Resende destaca que a publicação em inglês favorece sua disseminação global, enquanto seu conteúdo questiona paradigmas estabelecidos e propõe novas formas de pensar a relação entre língua e identidade. Trata-se de mais uma contribuição significativa para repensar práticas educacionais e promover inclusão através da linguagem.

A amostra de pesquisas e resenhas reunidas neste dossiê reforçam que, em um tema tão complexo como esse, também é importante observar a necessidade de uma abordagem complexa e transdisciplinar. Precisamos, é claro, de estudos linguísticos, desde abordagens teóricas (para explicar o surgimento e a incorporação de marcadores de gênero no sistema) até abordagens empíricas, como a sociolinguística (para explorar as relações entre usos e perfis sociais) e a psicolinguística (para explorar as relações entre usos, representações mentais e custos de processamento). No entanto, também é fundamental incluir perspectivas discursivas, sociológicas e históricas para revelar discursos, ideologias e orientações políticas associadas ao (não) uso. Sem dúvida, também é essencial envolver linhas do campo do ensino, a fim de observar a inserção das questões de gênero e da variação linguística em torno desse eixo nos currículos e nas práticas de educação linguística na sociedade.

Referências

- Albuquerque, K. (2024). Linguagem neutra e gramática: a sociedade e as regras em movimento. *Inventário*, (33), 315-319.
- Ambadiang, T. (1999). La flexión nominal: género y número. In I. Bosque & V. Demonte (Dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (p. 4843-4914). Madrid, ES: Espasa-Calpe.
- Baldez, D. S. (2024). Todes elus: uma análise sociolinguística sobre o emprego do gênero neutro no Twitter. *Travessias Interativas*, 14(31), 39-55. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v14i31.p39-55>
- Barbosa Filho, F. R. (2022). Projetos de Lei contrários à 'linguagem neutra' no Brasil. In F. R. Barbosa Filho & G. D. Á. Othero (Eds.), *Linguagem "neutra": língua e gênero em debate* (p. 141-160). São Paulo, SP: Parábola.
- Bezerra Júnior, A. S., Conceição, N. S., Gois, T. S., & Sousa, M. D. A. F. (2023). O processo de lexicalização de "fanfic": uma análise no Twitter. *Travessias Interativas*, 13(28), 45-61. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v13i28.p45-61>

- Bohmann, A. (2016). Language change because Twitter? Factors motivating innovative uses of because across the English-speaking Twittersphere. In L. Squires (Ed.), *English in computer-mediated communication: Variation, representation, and change* (p. 149-178). Berlin, DE: De Gruyter Mouton.
- Bonnin, J. E., & Coronel, A. A. (2021). Attitudes toward gender-neutral Spanish: acceptability and adoptability. *Frontiers in Sociology*, 6, 629616. DOI: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2021.629616>
- Bradley, E. D., Salkind, J., Moore, A., & Teitsort, S. (2019). Singular 'they' and novel pronouns: gender-neutral, nonbinary, or both? *Proceedings of the Linguistic Society of America*, 4(1), 36-1. DOI: <https://doi.org/10.3765/plsa.v4i1.4542>
- Brescancini, C. R., Gonçalves, C. S., Fernandes, D., Campos, J., Biasibetti, A. P. C. S., Bilharva, F., & Pinto, M. O. (2017). Sobre o potencial discriminante das propriedades de voz/fala na tarefa de comparação de locutores: um estudo de caso. *Revista da Anpoll*, 1(1), 12-27.
- Brevilheri, U. B. L., Lanza, F., & Sartorelli, M. R. (2022). Neolinguagem e "linguagem neutra": potencialidades inclusivas e/ou reações conservadoras. *Research, Society and Development*, 11(11), e523111133741. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33741>
- The Pronouns of Power and Solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in Language* (p. 253-276). Cambridge, MA: MIT Press..
- Cameron, D. (1998). Gender, Language and Discourse: A Review Essay. *Signs*, 23(4), 945-973.
- Camilliere, S., Izes, A., Leventhal, O., & Grodner, D. (2021). They is changing: Pragmatic and grammatical factors that license singular they. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, 43. <https://escholarship.org/uc/item/3tc9s9b0>
- Carvalho, D. S. (2021). *A domesticação da gramática de gênero*. São Paulo, SP: Pontes.
- Corbett, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Dixon, J. (1987). The question of genres. In I. Reid (Ed.), *The place of genre in learning: Current debates* (p. 9-21). Geelong, AU: Typereader Publications.
- Eberspächer, G. J. (2024). "Suplicantes", de Elfriede Jelinek: a tradução do gênero em uma perspectiva feminista. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 29(2), 45-57. DOI: <https://doi.org/10.17851/2238-3824.29.2.45-57>
- Fábregas, A. (2022). El género inclusivo: una mirada gramatical. *Cuadernos de Investigación Filológica*, 51, 25-46. DOI: <https://doi.org/10.18172/cif.5292>
- Faria, C. B., & Tesch, L. M. (2023). A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço. *Revista de Estudos da Linguagem*, 31(2), 764-808. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.2.764-808>
- Freitag, R. M. K. (2015). (Re)Discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In R. M. K. Freitag & C. G. Severo (Orgs.), *Mulheres, linguagem e poder - estudos de gênero na sociolinguística brasileira* (p. 17-74). São Paulo, SP: Blucher Open Access.
- Freitag, R. M. K. (2016). Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 32(4), 889-917. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>
- Freitag, R. M. K. (2022). Conflito de regras e dominância de gênero. In F. R. Barbosa Filho & G. D. Á. Othero (Eds.), *Linguagem "neutra": língua e gênero em debate* (p. 53-72). São Paulo, SP: Parábola.
- Freitag, R. M. K. (2024). *Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro*. São Paulo, SP: Contexto.
- Freitag, R. M. K., & Mendonça, J. J. (2020). Inclusão, cooperação e gênero. In D. Carvalho & D. Brito (Eds.), *Gênero e língua(gem): formas e usos* (p. 123-144). Salvador, BA: EdUFBA.
- Friedrich, M. C., Drößler, V., Oberleberg, N., & Heise, E. (2021). The influence of the gender asterisk ("Gendersternchen") on comprehensibility and interest. *Frontiers in Psychology*, 12, 760062. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.760062>
- Gil, A. S., & Morales, P. (2020). Tensiones y posiciones respecto de los usos del lenguaje: una batalla no solo cultural. *Estudios: Filosofía Práctica e Historia de la Ideas*, 22, 1-15.
- Giró, J. L. M. (2020). El masculino inclusivo en español. *Revista Española de Lingüística*, 50(1), 35-64. DOI: <http://dx.doi.org/10.31810/RSEL.50.1.2>

- Gomes, A. P. Q., Gomes, A. C. N., & Medeiros, B. S. (2021). Estrutura escalar em classes acionais - as propriedades aspectuais visíveis para a gramática. *Diacrítica*, 35(1), 78-103. DOI: <https://doi.org/10.21814/diacritica.635>
- Gonçalves, D. T., & Gomes, C. A. (2021). Indexação social de gênero e sexualidade: contribuições aos estudos brasileiros. *Diadorim*, 23(1), 133-150. DOI: <http://dx.doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n1a39666>
- Grieve, J., Montgomery, C., Nini, A., Murakami, A., & Guo, D. (2019). Mapping lexical dialect variation in British English using Twitter. *Frontiers in Artificial Intelligence*, 12(2), 11. DOI: <https://doi.org/10.3389/frai.2019.00011>
- Guimarães, V. S. (2020). Inclusão na língua: as tentativas de neutralidade de gênero no português brasileiro. *ABRALIN*, 19(2), 1-5. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i2.1627>
- Gygax, P. M., Elmiger, D., Zufferey, S., Garnham, A., Sczesny, S., von Stockhausen, L., ... Oakhill, J. (2019). A language index of grammatical gender dimensions to study the impact of grammatical gender on the way we perceive women and men. *Frontiers in Psychology*, 10, 1604. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01604>
- Hellinger, M., & Bußmann, H. (2001). *Gender across languages: the linguistic representation of women and men*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. R., & Martin, C. E. (2003). Sexual behavior in the human male. *American Journal of Public Health*, 93(6), 894-898. DOI: <https://doi.org/10.2105/AJPH.93.6.894>
- Koeser, S., & Sczesny, S. (2014). Promoting gender-fair language: The impact of arguments on language use, attitudes, and cognitions. *Journal of Language and Social Psychology*, 33(5), 548-560. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X14541280>
- Körner, A., Abraham, B., Rummer, R., & Strack, F. (2022). Gender representations elicited by the gender star form. *Journal of Language and Social Psychology*, 41(5), 553-571. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X221080181>
- Leaper, C. (2014). Gender similarities and differences in language. In T. M. Holtgraves (Ed.), *The Oxford handbook of language and social psychology* (p. 62-82). New York: Oxford University Press.
- Linares, L. B. (2019). Relación género/sexo y masculino inclusivo plural en español. *Literatura y Lingüística*, (40), 327-354. DOI: <http://dx.doi.org/10.29344/0717621x.40.2070>
- López, Á. (2020). Cuando el lenguaje excluye: consideraciones sobre el lenguaje no binario indirecto. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, 3, 295-312.
- Maybaum, R. (2013). Language change as a social process: Diffusion patterns of lexical innovations in Twitter. *Linguistic Society of America*, 152-166. DOI: <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v39i1.3877>
- Mendonça, J. J., & Araujo, A. S. (2019). Evaluation of the pronouns 'a gente' and 'tu' and of the grammatical patterns of agreement. *Revista de Estudos da Linguagem*, 27(4), 1613-1648. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.1613-1648>
- Menegotto, A. (2020). Español 2G y español 3G: propiedades morfosintácticas y semánticas del lenguaje inclusivo. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, 3, 207-232.
- Miranda, M. J. R. (2020). *Português para todes? Um diálogo entre a análise de discurso crítica e a sociolinguística sobre linguagem não binária* [Bachelor's thesis, Universidade de Brasília].
- Moura, J. R. F. (2021). Língua (gem) e gênero neutro: uma perspectiva discursiva no português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 24(47), 146-163. <https://doi.org/10.20396/lil.v24i47.8660785>
- Nascimento, T. F., & Silva, M. G. T. (2024). Linguagem inclusiva e mudança linguística em tempo aparente: uma análise sociolinguística na cidade de Imperatriz/MA. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 46(1), e69738. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v46i1.69738>
- Palma, A. G., Arellano, N., Celi, M. A., Chimenti, M. de los Á., De los Ríos, M., & Stetie, N. A. (2024). Lenguaje inclusivo: vademécum lingüístico. *CUHSO*, 34(1), 709-750. DOI: <http://dx.doi.org/10.7770/cuhso-v34n1-art713>
- Pereira, D. K. F., & Silva, C. R. T. (2023). A realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino: uma análise sociolinguística sobre o sentimento de inclusão de universitários recifenses. *Revista de Estudos da Linguagem*, 31(2), 616-635. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.2.616-635>
- Pereiro, M. C. C., & Barcia, S. R. (2013). Aspectos ideológicos, gramaticales y léxicos del sexismo lingüístico. *Estudios Filológicos*, (52), 7-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0071-17132013000200001>
- Pesce, A., & Etchezahar, E. (2019). Actitudes y uso del lenguaje inclusivo según el género y la edad. *Búsqueda*, 6(23), e742. DOI: <https://doi.org/10.21892/01239813.472>

- Pinheiro, A. F. C., & Pinheiro, B. F. M. (2021). Estratégias de neutralização de gênero no Português Brasileiro: questões estruturais e sociais. *Cadernos de Linguística*, 2(1), e326. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id326>
- Pinheiro, B. F. M., & Freitag, R. M. K. (2020). Estereótipos na concordância de gênero em profissões: efeitos de frequência e saliência. *Linguística*, 16(1), 85-107. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n1a31637>
- Renström, E. A., Lindqvist, A., & Gustafsson Sendén, M. (2022). The multiple meanings of the gender-inclusive pronoun hen: Predicting attitudes and use. *European Journal of Social Psychology*, 52(1), 71-90. DOI: <https://doi.org/10.1002/ejsp.2816>
- Roca, I. M. (2006). La gramática y la biología en el género del español (2º parte). *Revista Española de Lingüística*, 35(2), 397-432.
- Santos, A. L. P. (2019). Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. *Revista Ártemis*, 28(1), 160-178. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.41827>
- Schwindt, L. C. (2020). Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *ABRALIN*, 19(1), 1-23. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1709>
- Szesny, S., Formanowicz, M., & Moser, F. (2016). Can gender-fair language reduce gender stereotyping and discrimination? *Frontiers in Psychology*, 7, 25. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00025>
- Silva, G. V., & Soares, C. (2024). *Inclusiveness beyond the (non)binary in romance languages: research and classroom implementation*. New York, NY: Routledge.
- Siqueira, M. (2023). Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática. *Revista de Estudos da Linguagem*, 31(2), 578-615. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.2.578-615>
- Souza Junior, A. S. (2022). A linguagem neutra no português brasileiro: entre o debate linguístico e jurídico. *Revista de Letras - Juçara*, 6(1), 571-585. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v6i1.2736>
- Stetie, N. A., & Zunino, G. M. (2022). Non-binary language in Spanish? Comprehension of non-binary morphological forms: a psycholinguistic study. *Glossa: A Journal of General Linguistics*, 7(1). DOI: <https://doi.org/10.16995/glossa.6144>
- Tibblin, J., van de Weijer, J., Granfeldt, J., & Gygax, P. (2022). There are more women in joggeur-euses than in joggeurs: On the effects of gender-fair forms on perceived gender ratios in French role nouns. *Journal of French Language Studies*, 33(1), 28-51. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0959269522000217>
- Velasco, B. A. (2024). *Pânico moral e higienismo verbal: a rede metadiscursiva sobre “linguagem neutra” no Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Vergoossen H. P., Pärnamets P., Renström, E. A., & Gustafsson Sendén, M. (2020). Are new gender-neutral pronouns difficult to process in reading? The case of hen in Swedish. *Frontiers in Psychology*, 11, 574356. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.574356>
- Xiao, H., Strickland, B., & Peperkamp, S. (2022). How fair is gender-fair language? Insights from gender ratio estimations in French. *Journal of Language and Social Psychology*, 42(1), 82-106. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X221084643>
- Zunino, G. M., & Stetie, N. A. (2022). Binary or non-binary? Gender morphology in Spanish: Differences dependent on the task. *ALFA*, 66, e14546. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e14546>